

São José

A Catequese e a *Patris Corde*



“Com coração de pai”

A carta apostólica Patris corde, do Papa Francisco sobre São José e algumas perspectivas catequéticas

O Papa Francisco surpreendeu a Igreja com uma Carta apostólica com o título “*Patris corde*”. A data da publicação de *Patris corde* foi oito de dezembro de 2020, marcando 150 anos de proclamação de São José como Padroeiro da Igreja Católica, pelo Papa Pio IX, em oito de dezembro de 1870, durante o Concílio Vaticano I (1869-1870).

[1] São José teve sempre um certo destaque nos escritos de muitos estudiosos, na pastoral e nas devoções. Mas seguiu um modelo de discrição e silêncio, como os Evangelhos o apresentam. Os teólogos e escritores, ao longo dos séculos, valorizam José e buscaram compreender seu papel e significado.

[2] Foi nos séculos XVIII e XIX que a presença de São José se tornou mais difundida na Igreja. Antes, José tinha um destaque teológico restrito e expressões artísticas de complemento às que apresentavam Maria. Nestes séculos, José passou a ser observado em si. Contribuíram para tanto muitos escritores, estudiosos e fundadores de Congregações religiosas que descobriram nele uma fonte inspiradora. A França e a Itália foram marcadas por estas fundações e, um pouco em todo o Ocidente, as Igrejas dedicadas a São José destacaram sua figura.

Mas muito que se falava não era conforme os antigos escritores cristãos, os chamados “Padres da Igreja”, que viveram entre os séculos II e VI. Os escritos de outros pensadores cristãos entre os séculos XIV e XVII não chegavam até os fiéis, ou chegavam em parte. Por isso, o que se difundia era um conhecimento não direto de José, mas algo meio paralelo, limitado e que caía na mitologia e no folclore.

[3] Com a declaração de São José como Padroeiro da Igreja Católica isso teve alguma mudança. Os estudiosos do assunto passaram a ter apoio e incentivo para produzir e propor percepções e ideias. Isso foi há 150 anos, e continua até nossos dias. O Papa João Paulo II produziu o mais importante dos documentos da Igreja sobre São José: a Exortação Apostólica *Redemptoris Custos*, sobre a figura e a missão de São José na vida de Cristo e da Igreja, em 15 de agosto de 1989. Mas é um texto desconhecido pelos fiéis, infelizmente. Experimente procurar um exemplar em uma livraria católica! Não tem!

[4] O texto da *Patris corde*, de Francisco, retoma alguns pontos de *Redemptoris Custos*, como a **justiça**, a **obediência**, o **trabalho**, a **compreensão bíblica** da **vocação** e **missão** de São José. Mas é na imagem da **paternidade** que Francisco se fixa mais. Aborda também as dimensões da **ternura**, do **acolhimento**, da **criatividade** e da **proatividade** do esposo de Maria e pai de Jesus.

A Catequese, que tem como tarefa a formação cristã, deve conhecer a Carta apostólica *Patris corde*, para levar todos a amar José, esposo e pai. A seguir, um resumo e comentário do texto da Carta apostólica.

O difícil ano de 2020

[5] O ano de 2020 foi um ano difícil, mas não necessariamente ruim. Houve pandemia, violências, momentos difíceis, dramáticos e dolorosos, para pessoas, grupos e nações. Também para a Igreja. Por isso, o Papa Francisco seguiu o modelo do Papa Pio IX: recorreu a São José para dar força, guiar no caminho, com a graça, a misericórdia e a coragem que muito o qualificam como “guardião do Redentor”. Papa Francisco propôs esta prece:

Salve, guardião do Redentor e esposo da Virgem Maria!

A vós, Deus confiou o seu Filho;

em vós, Maria depositou a sua confiança;

convosco, Cristo tornou-se homem.

*Ó Bem-aventurado José, mostrai-vos pai também para nós
e guiai-nos no caminho da vida.*

*Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem,
e defendei-nos de todo o mal. Amém.*

Os assuntos da *Patris corde*

[6] A Carta apostólica é um texto curto. Depois de uma introdução, tem sete itens, sobre São José e sua identidade de pai. Os itens são: **1) Pai amado; 2) Pai na ternura; 3) Pai na obediência; 4) Pai no acolhimento; 5) Pai com coragem criativa; 6) Pai trabalhador; 7) Pai na sombra.**

Já no segundo parágrafo, o Papa indica seu desejo com a *Patris corde*, partindo da leitura dos Evangelhos de Mateus e Lucas: “...compreender o gênero de pai que era e a missão que a Providência lhe confiou”. Francisco introduz o texto com algumas percepções gerais. Ele afirma José como o reconhecido “pai” de Jesus, nos Evangelhos. Depois, indica que Mateus e Lucas o destacam. Em seguida, apresenta alguns princípios e perspectivas.

[7] José era um humilde carpinteiro, desposado com Maria. Era um homem justo, disposto a cumprir a vontade de Deus de acordo com a Lei, que Israel chama de Torah, palavra que pode ser traduzida por ensino, caminho. Em seguida, o Papa recorda da viagem de Nazaré para Belém e do nascimento de Jesus. Fala da adoração dos pastores, que significam os mais simples de Israel, e dos magos, que estão fora de Israel.

Mais à frente o Papa lembra os fatos que se seguiram ao nascimento de Jesus. A apresentação no Templo, em que José está próximo de Maria. Ali falam, a respeito de Jesus, Simeão e Ana. O Papa coloca

em sequência a perseguição de Herodes e a necessária fuga da família de José, Maria e Jesus para o Egito. Eles retornam para a Judeia mas se fixam em Nazaré, pequena e periférica aldeia da Galileia. Por fim, o Papa recorda a ida para Jerusalém, aos doze anos de Jesus, quando acontece sua perda e seu reencontro.

[8] Francisco ajunta a isso reflexões pessoais sobre São José e o faz no contexto histórico em que vive, citando a pandemia e a dedicação extraordinária de muita gente. Ele afirma: "...nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas) que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas passarelas do último espetáculo, mas que hoje estão, sem dúvida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história..."

O destaque, dado por Francisco, é a paternidade legal de José sobre Jesus. Aqui ele se detém e propõe aqueles sete aspectos da identidade e missão de José. É forte a atualidade e intensidade do Papa na exposição dos argumentos.

São José: Pai amado

[9] A identidade e missão de pai está no fato da sua indicação como tal, nos Evangelhos. Já o adjetivo "amado" é a relação que o povo cristão tem com ele.

São João Crisóstomo (séculos IV e V), célebre Bispo de Constantinopla, afirmou que José "colocou-se inteiramente ao serviço do plano salvífico". A vida de José não foi uma procura de seus interesses, mas sim dos interesses de Jesus. Isto é soma do "amor verdadeiro" e do "amor necessário". Papa Francisco não indica estes dois tipos de amor, mas João Paulo II sim, na Exortação apostólica "Redemptoris Custos", citando Santo Tomás de Aquino. "Amor verdadeiro" é o que se dedica a Deus, de modo direto, sem interesses nem restrições. É o amor da contemplação, da entrada no Mistério de Deus. O "amor necessário" é aquele que leva a servir o outro, seja ele quem for, intensamente, também sem interesses. Em José, como em Maria, estes dois amores se uniram de modo intenso e determinaram sua identidade e a missão.

[10] O Papa insiste na paternidade de José em toda a carta apostólica. Indica que a sua vida foi feita em um serviço, um sacrifício ao Mistério da Encarnação e à sua conjunta missão redentora. Esta expressão é importante e passa meio que despercebida. "Conjunta missão redentora" diz respeito à soma de ações que ele, José, teve junto a Maria. Ambos, de modo "conjunto" trabalharam para a redenção, pois estavam em função do Redentor Jesus. João Paulo II indica José como "Guardião do Redentor", função que ele viveu em comunhão com Maria, a "Mãe do Redentor".

Francisco lembra que José converteu seu amor humano, na vida doméstica, em uma “oblação sobre-humana de si mesmo, do seu coração e de toda as capacidades no amor colocado ao serviço do Messias, nascido na sua casa”.

[11] Depois o Papa Francisco recorda a presença de José no cotidiano dos fiéis. Fala de orações a ele dirigidas; lembra que as quartas-feiras são dedicadas a ele, de modo devocional; e cita o mês de março como mês em que ele tem uma atenção especial.

Finalmente, duas indicações de Francisco são notáveis. No livro do Gênesis, quando o povo pedia pão ao faraó, este dizia, referindo-se a José, filho de Jacó: “Ide a José!” (Gênesis 41,55). No Cristianismo também isso é intenso, mas agora relativo a José, o esposo de Maria e pai de Jesus: “Ide a José” e o que for necessário poderá ser feito. E Francisco afirma que José é a “dobradiça” que une o Antigo ao Novo Testamento, pois nele acontece o cumprimento das promessas aos Patriarcas e à realeza de Davi.

São José: Pai na ternura

[12] A Carta apostólica *Patris corde* é a inspiração para o Ano de São José, que se vive em 2021, na recordação dos 150 anos de proclamação de São José como Padroeiro da Igreja Católica. Papa Francisco indica que José tem um “coração de pai”, e propõe as características deste coração. Já foi visto aqui que José é o “pai amado”. Ele também é “pai na ternura”. E isso tem uma amplitude imensa.

Papa Francisco faz afirmações importantes para a vida e a espiritualidade. Ele diz: “Muitas vezes pensamos que Deus conta apenas com a nossa parte boa e vitoriosa, quando, na verdade, a maior parte dos seus desígnios se cumpre através e apesar da nossa fraqueza.” E recorda Paulo, que sente os limites de si mesmo na vida de evangelizador. Francisco já havia afirmado, na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: “Se esta é a perspectiva da economia da salvação, devemos aprender a aceitar, com profunda ternura, a nossa fraqueza.” Ele se refere às nossas limitações, que se expressam também em nossos pecados, fragilidades e fracassos.

[13] O mundo moderno impõe sucesso e prestígio, fama, beleza, juventude e sucesso, tudo com muito dinheiro. Isso vem para poucos. Por isso a percepção da ternura é necessária, pois ela não vê os resultados, mas sim as pessoas, na sua realidade. Falar de ternura em um mundo conturbado é, ou um risco enorme, ou uma ousadia tremenda, ou uma confiança sem limites. Deve ser esta última situação a de Francisco. Ele confia no Deus da ternura, e propõe São José como “pai de ternura”.

José expressa ternura de modo implícito e explícito para com Maria e Jesus. Ela é o modo de tocar o que há de mais frágil em cada pessoa. Somente a ternura pode livrar do mal, da malícia e da maldade. Uma verdade dita para condenar, carece de ternura. A verdade deve ser para salvar. É preciso entender José como a melhor expressão da ternura do Pai celeste em relação ao mundo. É certo que Jesus aprendeu a ter compaixão e misericórdia com seus pais, com São José!

Ano de São José, que é o pai da ternura, pode ser o tempo para viver a ternura e redescobrir isso tudo na Igreja e nos Sacramentos.

São José: Pai obediente

[14] Na Carta apostólica *Patris corde*, Papa Francisco nos recorda a palavra de Paulo na carta aos Filipenses, a respeito de Jesus: “Obediente até à morte... de cruz” (2,8). Esta palavra faz eco àquela que se ouve em Hebreus 5,8: “(ele)...aprendeu a obediência...”

Maria respondeu livremente à vontade Deus ao dizer seu “sim!”, e isso gerou Jesus. Papa Francisco afirma que José também deu o seu “sim!”, com Maria, e a ação de Deus pode acontecer.

[15] Francisco inicia apresentando os argumentos sobre a obediência de José no Evangelho segundo Mateus. Ali, José passa por quatro revelações interiores, em sonhos. No primeiro sonho, José tem a confirmação de que Maria está grávida e seu filho é o Emmanuel, o Deus conosco. José, a princípio, teria desejado “deixar Maria”. Melhor seria a tradução “desligar Maria” de seus compromissos com José. Mas o sonho muda tudo (1,20-21). E José disse “sim!”, obedecendo.

[16] No segundo sonho, José deve fugir para o Egito, buscando salvar o Menino e sua Mãe da maldade de Herodes (2,13). Naquele país, José deve viver com confiança e paciência, esperando o momento do retorno. No terceiro, ele deve retornar para a terra de Israel (2,21). Mas na Judeia reina o tirano Arquelau. Vem o quarto sonho, quando José vai para a Galileia, para Nazaré (2,22-23). Nisto tudo, José obedeceu a vontade de Deus, disse o seu “sim!” e fez a história acontecer. Não se restringiu à sua própria vontade, desejos, fantasias. É certo que, no momento dos fatos, isso pôde não ter sido prazeroso para José e sua família, mas foi decisivo para a vida de todos, e para a Encarnação.

[17] No Evangelho segundo Lucas, Papa Francisco vê José sendo obediente à ordem civil: vai para o recenseamento (2,1-7). Depois do nascimento de Jesus, José e Maria o apresentam para a circuncisão e fazem o resgate, seguindo os costumes judaicos (2,21-24). Na casa de Nazaré, José fez o papel de chefe de família, de uma Família extraordinária. Embora fosse o menor entre os três, ele assumiu a responsabilidade sobre todos, sendo o “Guardião do Redentor”, como Maria foi a “Mãe do Redentor”.

[18] Papa Francisco afirma, citando João Paulo II na “Redemptoris Custos”, que trata da figura e missão de São José na vida de Cristo e da Igreja: “...José foi chamado por Deus para servir diretamente a Pessoa e a missão de Jesus, mediante o exercício da sua paternidade: desse modo, precisamente, ele coopera no grande mistério da Redenção, quando chega a plenitude dos tempos, e é verdadeiramente ministro da salvação”.

São José: Pai acolhedor

[19] A afirmação do título é do Papa Francisco, quando ele, na *Patris corde*, aborda José como “pai no acolhimento”. A misericórdia comporta a ação de acolher, de olhar e sentir o outro e, sem delongas, abrir a comunhão. Acolhida não é simulação de abertura, tão comum em alguns lugares, que serve para manter aparências, apenas. É algo grande, com compromissos e consequências.

Papa Francisco indica que, ao receber a missão de acolher Maria e dar o suporte para o nascimento de seu Filho, José não impôs nada. Teve a “nobreza” de aceitar, subordinar-se a uma missão que assumiu com todas as suas forças. Francisco nota a decisão de José em valorizar sua esposa, o que é inspirador em um mundo onde a mulher sofre violências múltiplas. Ele diz: “José apresenta-se como figura de homem respeitoso, delicado que, mesmo não dispondo de todas as informações, se decide pela honra, dignidade e vida de Maria. E, na sua dúvida sobre o melhor a fazer, Deus ajudou-o a escolher iluminando o seu discernimento”. Pode-se entender, assim, que acolhida não é dependência psicológica, afetiva ou física, mas estímulo para ser mais, para crescer.

[20] Na história não entendemos tudo o que nos cerca, e José também não entendeu, plenamente, o que acontecia com ele e sua esposa. Mas assumiu com esperança, amor e fé, expressas na responsabilidade absoluta sobre a situação. Isso é acolhida! O Papa indica que a espiritualidade de José não “explica” os fatos, mas “acolhe” a realidade. É o que se chama de “realismo cristão”, que não é resignação passiva, e sim posição de protagonismo frente ao que há, aos desafios do agora. Afirma Francisco: “A vinda de Jesus ao nosso meio é um dom do Pai, para que cada um se reconcilie com a carne da sua história, mesmo quando não a compreende totalmente.”

A intervenção de Deus na vida de José é um sinal. A atualidade é marcada pelas inseguranças, doenças, incertezas e violências políticas, instabilidades econômicas. José ouviu: “...não temas...!” Ele deu lugar, na sua vida, a algo que não havia escolhido, mas que existia, era real e exigia uma resposta. Segundo o Papa Francisco, existe um significado oculto naquilo que vivemos, e que não controlamos. E mesmo o erro pode ser revertido com esperança, com dedicação e amor.

[21] Não se trata de soluções fáceis, simplificadas e autoconsoladoras. Papa Francisco, não na *Patris corde*, mas em outro texto, contou de um sofrimento pessoal: a enfermidade pulmonar que levou metade de um de seus pulmões na adolescência. Ele conta que recebeu a visita de uma pessoa simples, que não prometeu cura nem disfarçou a gravidade do problema. Segundo o Papa, esta pessoa apenas segurou sua mão e ficou lá, um longo tempo, com ele. Isso foi, de fato, acolhida!

José foi o “acolhedor” do Mistério de Deus, ainda que não estivesse entendendo ou controlando tudo. O mundo moderno tem necessidade de acolhida, de cuidados com a natureza, com os pobres, os enfermos, as mulheres e os jovens em risco. Não tem necessidade de políticos e supostos governantes que fazem bravatas de prepotência e desprezo.

São José: Pai corajoso e criativo

[22] A criatividade é o traço dos que têm o desejo da caminhada e é valorizada na vida profissional, cultural e familiar. Quando a situação é dramática, é preciso medidas também dramáticas, que podem superar os limites. Ora, José é expressão clara e intensa disso tudo.

O Papa Francisco associa a coragem e a criatividade pois estas realidades estão, frequentemente, unidas. Para ser corajoso é preciso de criatividade. O conformado não precisa de coragem, mas de resistência. E a criatividade impõe coragem, ousadia e ânimo, com muita força pessoal. O conservador mantém as situações do jeito que estão, mesmo se estiverem desabando, perdendo e morrendo.

[23] O mundo parece o reino dos poderosos, cruéis e inimigos de tudo o que é frágil, fraco e pobre. O Evangelho nos propõe Deus agindo na pessoa dos pobres, sobre eles mesmos e sobre outros. Papa Francisco afirma que isso acontece também na vida de cada um dos fiéis, no cotidiano das escolhas e das ações. Ele afirma: “Se, em determinadas situações, parece que Deus não nos ajuda, isso não significa que nos tenha abandonado, mas que confia em nós com aquilo que podemos projetar, inventar, encontrar.” É aqui que Deus age, em nossa liberdade, inteligência e vontade. José teve liberdade para dizer “não”, para se acomodar: e disse “sim”, assumindo a história, dando a sua contribuição. Ele teve a oportunidade de negar a sua compreensão, de permanecer nos velhos esquemas, mas teve inteligência e mudou, observou a situação, pensou e, neste esforço, foi respondido nas revelações em sonhos. José poderia se acomodar em uma vida previsível, confortável e sem ir além de si mesmo, como muitos fazem, na sociedade, no trabalho, na Igreja. Quantos que dizem não à convocação para um novo trabalho, um novo horizonte, se acomodam e ficam vendo a vida passar. Isso é cômodo, agradável e não exigente. Mas não é o que faria José!

[24] No episódio da fuga para o Egito, José precisou de toda a sua criatividade e coragem. A mudança de país, de língua, de cultura, de ambientes e da própria vida exige uma notável força, corajosa e criativa. As respostas rápidas aos desafios são os traços de José. O Papa lembra que, em cada ação de José, existe a resposta de prontidão, de rapidez, de generosidade.

Depois, Papa Francisco compara os sofrendores e pobres da atualidade com os pobres da época de Jesus e com o próprio Jesus. Para o Papa, o Menino Jesus continua sendo perseguido, necessitado, sofrendo em cada exilado, o que leva José a ser o guardião dos necessitados.

São José: Pai trabalhador

[25] É certo que o matrimônio com Maria e a paternidade sobre Jesus definem José, nos Evangelhos. Mas a expressão do trabalho é também um destaque de sua pessoa. Jesus recebe muito de José: a identidade de filho de Davi, de herdeiro dos Patriarcas, a messianidade prometida pelos Profetas, etc. E herda, também, uma profissão, uma identidade social.

O trabalho é uma “urgente questão social”. Um crescente desemprego e a diminuição do bem-estar levam a reconsiderar o significado do trabalho. Ele é uma participação na obra da criação e da salvação, uma oportunidade de estar de alguma forma no mundo, com uma identidade social, um lugar e uma função. Segundo Francisco, quem trabalha colabora com Deus. É um modo de se realizar como pessoa e criar uma história. É também o lugar onde se tira o sustento para uma família. Ao faltar o trabalho, uma família pode entrar em crise, em tensões e divisões.

[25] Para Francisco, a crise da atualidade pode ser superada com a redescoberta do valor do trabalho e de quem trabalha. O ato de trabalhar cria uma “normalidade” na vida da pessoa, que a inclui na sociedade. São José, o carpinteiro, é uma fonte de inspiração para o significado do trabalho.

Papa Francisco expressa intensa preocupação quanto às situações vindas da pandemia de covid-19, que geram desemprego, fome e dependência, bem como agravam as crises políticas, sociais, familiares. Se não houvesse a acumulação de bens em poucos, havia mais bens para ser partilhados. Se houvesse mais interesse e planejamento, haveria mais trabalho e possibilidades de vida e de crescimento.

[26] Francisco expressa um desejo e faz um apelo que é uma oração: “Peçamos a São José Operário que encontremos vias onde nos possamos comprometer até se dizer: nenhum jovem, nenhuma pessoa, nenhuma família sem trabalho!”

São José: A sombra do Pai

[27] A Carta apostólica *Patris corde* é um dos sinais do Ano de São José, iniciado em 08 de dezembro de 2020 e estendido até 08 de dezembro de 2021. Há muitos aspectos para serem descobertos e valorizados neste texto magnífico e inspirador e é o que se tenta fazer nestes artigos sobre São José. O principal da carta é esta ideia: São José como sombra do Pai. O “Pai” aqui é o próprio Deus, e José vive, crê, age na sombra deste Pai, sendo, ele também, pai.

[28] Papa Francisco insiste na figura humana do pai e observa o que é fácil de ser notado: a atual crise na paternidade. Ele afirma: “Não se nasce pai, torna-se tal... E não se torna pai, apenas porque se colocou no mundo um filho, mas porque se cuida responsavelmente dele. Sempre que alguém assume a responsabilidade pela vida de outrem, em certo sentido exercita a paternidade a seu respeito.”

Aqui entra a figura de José, o pai de Jesus. Enquanto muitos filhos, hoje e em outros tempos, parecem ser órfãos de pai, Jesus tem um pai que determina sua vida e história: José. A paternidade é algo magnífico. Paulo afirma aos cristãos de Corinto, que eles podem ter muitos pedagogos, mas têm apenas um pai, que é ele próprio, pois foi quem os gerou para a vida da Graça (cf. 1 Coríntios 4,15).

[29] Francisco afirma que a sociedade carece de pais; a Igreja carece de pais! Padres e Bispos devem ter mais evidente a paternidade! Trata-se da “paternidade espiritual” tão necessária para o crescimento da pessoa que crê. O Papa recorda que um pai introduz o filho na experiência de viver: não segura, não prende, não subjuga, mas torna o filho capaz de opções, de liberdade, de partidas. Esta é o que Francisco chama de “lógica do amor”: O amor é verdadeiro quando é casto, quando não prende, não absorve, quando leva o outro a ser mais. José viveu este amor: “José soube amar de maneira extraordinariamente livre. Nunca se colocou a si mesmo no centro; soube descentralizar-se, colocar Maria e Jesus no centro da sua vida.”

Francisco vê em José o que a paternidade é na sua essência. Segundo ele, um pai que é verdadeiro cumpre sua missão quando se torna “inútil”, isto é, quando o filho se estabelece como autônomo e sabe escolher com sabedoria. O pai não precisa mais tutelar, prover e conduzir. O filho tem a condição de fazer isso e, por isso mesmo, pode também, deste modo, ser pai.

O Justo, o Filho de Davi, José

[31] O Papa Francisco propôs que 2021 fosse o Ano de São José. O que se aprendeu e se cresceu nestes meses é o que o tempo

dirá. Francisco desejava uma Igreja com mais amor, ternura, acolhida, corajosa e criativa. Uma Igreja com mais paternidade, tendo José como modelo de pai, que está sempre à sombra do Pai, de Deus, e é presença, segurança, doação, salvação. É preciso aprender sempre, mais e mais. E São José ajuda a compreender tudo isso, seguramente.

[32] A Carta apostólica *Patris corde*, que Papa Francisco propôs e que inspira o Ano de São José, insiste na figura do pai, aplicada a José, que tem um “coração de pai”. Segundo Francisco: “O objetivo desta carta apostólica é aumentar o amor por este grande Santo, para nos sentirmos impelidos a implorar a sua intercessão e para imitarmos as suas virtudes e o seu desvelo.”

Para Francisco, a missão dos Santos é interceder junto de Deus pelos fiéis que caminham na história. Eles ajudam os cristãos a voltar-se para Deus e, no caminho que escolheram para a vida, encontrarem a salvação, o sentido pleno de sua existência. Papa Francisco afirma, sobre os Santos: “A sua vida é uma prova concreta de que é possível viver o Evangelho.”

[33] Então, cada Santa e Santo oferece aos fiéis propostas de vida e de intimidade com Deus. E um é diferente do outro, sendo e vivendo caminhos únicos, com situações também únicas. São José é, em si, mais do que único no caminho: é único na missão de ser esposo da Mãe de Deus e único na missão de ser o pai do Filho de Deus.

É preciso olhar para José não com o folclore, com os costumes que limitam sua figura. Ele não é ancião indeciso, confuso e à beira da morte que aparece em alguns quadros. Não é o homem que precisa de um empurrão para agir, que não sabe para onde ir nem como fazer. Ele é o fiel de Israel totalmente voltado para Deus, que a tradição bíblica chama de “justo”. Por isso ele tenta deixar Maria “desligada” de seu compromisso de matrimônio (Mateus 1,19). Mas ele é o Filho de Davi e de Abraão (Mateus 1,1) o herdeiro dos Patriarcas e dos Reis de Israel. Então o anjo confirma o que ele já sabia: o filho que Maria espera é, de fato, o Filho de Deus! E José deve assumir a vocação de esposo da Mãe de Deus e pai do Filho do Eterno. José aceita a missão, e vive a paternidade. José, o “filho de Davi” (Mateus 1,20) faz de Jesus o “Emmanuel”, o Deus conosco (Mateus 1,23).

[34] Não é conhecimento, sozinho, que torna alguém mais santo, mais próximo de Deus. Mas o conhecer ajuda a compreender, a aceitar melhor o Mistério. É um modo de progredir no amor. É confortador pensar e crer que entre Maria e José existia um sincero amor, um desejo profundo de complemento humano e afetivo. É fácil imaginar que eles desejassem ter filhos, muitos filhos, e educa-los na Torah, no amor ao Deus da Aliança, ao Deus de Abraão e de Davi. E é encantador que eles possam ter dado espaço para que Deus agisse na vida deles, mudando,

transformando, direcionando tudo de modo diferente. É maravilhoso entender que pelo chamado de Deus, José superou a si mesmo, pois sendo “justo”, tinha a predisposição de ouvir a Deus e seguir sua vontade. Ele foi o amoroso esposo de Maria, o zeloso e decidido pai de Jesus. Ele pôde chamar Jesus de “filho”, e ouviu de Jesus a palavra, a ele dirigida, “pai”. Ele é o mestre da vida interior, o Patrono da Igreja Católica.

